

## **Transcrições de trechos das entrevistas com moradores da região de Pelotas/RS a respeito dos geoglifos gaúchos**

**Por: Bruno Martins Farias (2012)**

Entrevistas utilizadas como fonte para a monografia de Bruno Martins Farias “Geoglifos gaúchos: um estudo sobre o tropeirismo e os currais e cercas de pedra, terra e plantas do sudoeste do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina”, apresentada em 2012 à UNOPAR

**Aracy Camelato, 73 anos, mora desde os 5 na Estrada do Passo dos Carros, em Pelotas/RS.**

**<http://www.myspace.com/video/rid/110920204>**

(...) BMF – O senhor mora aqui desde pequeno então?

AC – Desde os 5 anos. Morei naquela casa ali na figueira. [...] Mas naquela época passava... Do tempo da época dos matadouros. Mas eu não peguei essa época das charqueadas porque só foi depois, na época dos matadouros. Do Anglo, da Swift, da Sudeste...

BMF – Que ano isso aí mais ou menos?

AC – 40 e poucos, eu to aqui desde 1942.

BMF – E ainda tinha esse movimento de tropas nessa época?

AC – Ah sim, eu era guri de 12, 13 anos, 14, e até 17, 18 anos. Eu saia daqui pra ir pra uma venda naquela esquina lá em cima, e eu saia daqui de bicicleta ou a pé e chegava a encontrar 3, 4, 5 tropa... [...] Porque aqui o gado vinha de fora, de Pinheiro Machado, Piratini, Jaguarão, Arroio Grande, Pedro Osório... Essa zona toda aí.

BMF – Vinham até do Uruguai né?

AC – É, vinham! Aí eles tinham que ficar aqui esperando ordem de entrada no matadouro.

BMF – Isso! Que era o pessoal que dobra ali na entrada quem dobra na 25 de Julho ali! É né?

AC – É!

BMF – Era dos... se não me engano, era Vianna?

AC – Não, foi do Schaun ali. Aqui foi Alfredo Gomes, Otávio Souza e Aladir Lima. E mais adiante... Tudo é morto já. O Otávio Costa tinha uns quantos piquetes e ele vivia só disso. Porque naquela época se transportava gado pra mudança de granja. Vinha tudo: vinha boiada, arado, carroça... Vinha de tudo...

BMF – Tropa de que tipo de animal que o senhor chegou a ver aqui?

AC – Ah, de todo tipo. Desde os matadouros até mudança de gado pra desinvernar. Tudo que era...

BMF – Cavalo, porco?

AC – Porco não, não peguei... Peru eu peguei alguma coisa ainda, pouca coisa mas eu peguei.

BMF – O que mais?

AC – Cavalo, ovelha... Cavalo e ovelha na época era pouco, bovinos. Equinos era pouco... Mas bovinos e ovinos era muito.

BMF – E o senhor vendia coisas pros tropeiros?

AC – Ah, vendia? Eu não muito não. Eu trabalhava numa casa que vendia ali. E nós tinha uma propriedade... Às vezes se vendia alguma coisinha pra eles pra quebrar o galho pra eles ali.

Uma banha, uma carne de porco o pai vendia.

[interrupção]

BMF – E tropa de vaca, como é que é? O senhor tava contando...

AC – Tropa de vaca era 100, 200, 300, 500, 700 vacas... Aqui, isso aqui ficava... Você caminhava aqui na estrada elas ficavam tudo [...] aí ficava com a chuva [...] o gado ia caminhando no barro e ia ficando tudo em valas assim. Então aqui eles ficavam esperando às vezes 1 dia, 2 dia, 3 dia. Aí quando tinha ordem pra ir eles iam saindo pra ir pro matadouro.

[...]

**Ariovaldo Dutra Barros, 63 anos, morador da Av. 25 de Julho**

**<http://www.myspace.com/video/mem-rias-leonenses/entrev-ariovaldo-dutra-barros-63-av-25-de-julho/104604807>**

[...] BMF – O que o senhor ouviu falar sobre essa estrada, o “Corredor das Tropas”?

ADB - Quando eu tinha 8 anos eles passavam por aqui. [...] Naquele tempo não tinha nenhuma ponte, eles tinham que cruzar por água. Então vinham lá de Canguçu passavam as tropas aqui, passavam de Monte Bonito, Pedro Osório, tudo vinham “pelaqui”. [...] Essa trilha ia por Piratini, Pinheiro Machado, Bagé... Então talvez lá tenha as mangueiras de pedra.

BMF – Lá tem as mangueiras de pedra e também as de torrão que é mais aqui né?

ADB - Aqui é difícil de ter pedra... [...] Lá foi feito pelos escravos!

BMF - Foi feito pelos escravos? Mas escravo negro ou escravo índio será?

ADB – Não. Foi no tempo dos escravos negros... [...] Cercas só de pedra cortada. [...]

Quilômetros e quilômetros... [...]

BMF – E ele era feito com torrão de terra, como é que era? Ou era...

ADB – Não, era a mesma coisa! Eu fui criado em casa de torrão! [...] ...isso aqui é um tijolo!

Era só pegar uma pá, fazer o cortezinho “dereitinho” assim, agarrava, virava ele, chegava lá agarrava, botava na carreta. Agarrava chegava lá e botava ele com tudo assim.

BMF – Com grama e tudo ou como que era?

ADB – Com grama e tudo, senão aí... (risos) Aí mexe... (risos)

BMF – Senão aí desmanchava? (risos)

ADB – Aí desmanchava. (impossível de entender) [...] Aí depois que tava pronto, pegava uma pá e batia assim com uns pau assim e batia e ia batendo assim e aí se formava. Chegava a ter 2 metros, 2 metro e 20, 2 e meio. [...] Aí ficava a mesma coisa que tijolo. Aí quem tinha condições e tivesse tempo, pegava depois e revestia tudo com barro em volta. Aí pintava, tu dizia que era uma casa normal. [...] Era muito melhor que a de tijolo! Era quentinha... E no verão bem fresquinha! [...]

BMF – Eu não tinha conhecido ninguém que morou em casa de torrão. E ajudou a construir!

ADB – E ajudei a construir o primeiro salão que teve de baile foi feito... Nós e o falecido Giovani levamos 3 meses pra construir as paredes!

BMF – O primeiro salão? De que tamanho era mais ou menos?

ADB – 12 m por 6 m [...] E aí botemo assoalho! Foi o primeiro salão que teve ali no Cerrito Alegre e na zona [...] que foi feito de torrão as paredes. [...] Depois aí foi um sucesso! [...]

Mas depois naquele tempo não tinha telha né? Era tudo de macega.

BMF – Tu vê... Que ano isso mais ou menos?

ADB – Eu to com 62, vou fazer 63 agora, e eu tinha na base duns 9 anos, então tu sabe fazer as contas...

BMF - [...] Eles sabiam das mangueiras de pedra, aí há pouco tempo atrás foram estudar as mangueiras de palmas. Lá em Santa Vitória do Palmar tem, elas eram de palmeiras e amarradas com couro, que não tinha corda... [...]

ADB – É mesmo. Lá em Santa Vitória eu conheci muito e lá tinha muitas coisas diferentes. Que lá tinha bastante casa de torrão e mangueira de torrão.

BMF – Ah em Santa Vitória também tem mangueira de torrão?

ADB – Lá justamente, lá no litoral... Porque aqui não tinha pedra! E lá também não existe uma pedra...

BMF – Aí tem que usar alguma coisa pra construir né?

ADB – É. Aquilo era até gozado, porque os caras tinham olaria... Ali na Capilla mesmo, ali nós parava o ônibus. Ali a gente chegava nesse restaurante mesmo, um baita restaurante, foi feito de torrão. E telhado de macega.

BMF – Aonde isso?

ADB – Na Capilla, ali quem vai pra Santa Vitória.

BMF – Ah, sei numa capela muito antiga que tem ali! Tem mangueira de torrão que dá pra ver pelo satélite.

(risos)

BMF - Só que é coberta de mato, é ou não é verdade?

ADB – É!

BMF – Tá tapada de mato, então não dá pra ver direito. Só tem uma lá ou tem umas quantas?

ADB – Tinha umas quantas! No 94 mesmo tinha, também tinha ali no 45. Depois ali de Pelotas [...] passando a entrada que deixava o Rio Grande aí seguia. Mas naquele tempo era mais uma estradinha... Já peguei o tempo que nós ia aqui por baixo pela lagoa pra chegar lá na Mangueira, pra cortar arroz lá nos Oliveira. Naquele tempo ali não existia a faixa, depois em seguida é que eles... Mas levaram anos! Então até ali tinha pela trilha, mas era trilha de chão batido assim né. Depois é que asfaltaram em seguida... [...]

BMF – Tu nunca passou lá pelo Capão do Leão, lá no Cerro das Almas, Cerro do Lombilho?

ADB – Passei! Passei! Já tive lá sim!

BMF – Faziam tropeada também?  
ADB – Não, nós passava de carroça.  
BMF – Ah... [...] Aquilo ali, naquelas estradas tudo tem mangueira de torrão...  
ADB – Pois é, ali tem... Ali tem bastante! E ali sempre foi estância né... [...] Aqui já era só passagem! [...]

**BENTO, Cláudio Moreira. > Date: Tue, 21 Dec 2010 15:48:53 -0200**

> Re: "A Guerra de Restauração do Rio Grande do Sul aos espanhóis /1774-76" > From: \*\*\*\*\*mail.com > To: \*\*\*\*\*mail.com

> Prezado Bruno Farias .Interessante o seu tema ....estes currais que acredito terem sido normais no litoral do Rio Grande. Em canguçu ainda existe um mangueirão de pedra em Canguçu Velho na sede da Real Feitoria do Linho canhamo do Rincão do Canguçu 1783/89 ao lado do qual passava antiga rote indigena Sete Povos litoral Lagoa dos Patos. Nestelocal conhecido como Terra dos Tapes foi controlado por indios Tapes tapuias guaranizados dos qualS CONHECI descendentes .Existia outro caminho alternativo ou trilha indigena ligando as Missões ao litoral Santa Maria-Rio Pardo- Encruzilhada do Sul-Canguçu- Cerrito-Rio Grande que foi muito usado por militares por ligar as bases militares de Rio Pardo a Rio Grande e a partir de 1801 Misões-Rio Pardo-Rio Grande.Outro caminho que pasou a atravessar Canguçu a partir de 1780 foi Missões, Caçapava, Canguçu- Pelotas que drenva tropas de gado das Missões e Alto da Serra para as charqueadas de Pelotas e que proximo de Canguçu na Lacerda existiam e ainda existem doi mangueirões circulares para abrigar os gado das tropas sem o risco de estouro e permitir aos tropeiros uma visita a Vila de Canguçu. Era uma especie de Pousada 5 estrelas paras tropa. E só isto que sei .E sweria interessante conversarmos um dia sobre este interessante tema. Em Canguçu na rota das tropas existia e existe local com enorme cerca de pedra chamado Cerca de Pedra.Espero haver respondido o que sei. Cel Bento

**Blanco, Antônio. Aceguá/RS** - Revista de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 09 fev. 2010. Disponível em:

<<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/geoglifos-gauchos>>. Acesso em: 16 jun. 2011.

**3/5/2010**

- no que se refere à região de Bagé, eu mesmo ja identifiquei mais de trinta "currais de taipa", que seguem pela coxilha de Santo Antonio, divisor de aguas q servia de caminho para as tropas que se dirigiam às charqueadas de Pelotas. As mangueiras de pedras introduzidas pelos jesuítas, tiveram suas versões de taipa, onde as pedras escasseavam. Esses currais serviam de pernoite para as tropas, pois com o gado encerrado os tropeiros descansavam sem necessidade de rondar a noite toda. As mangueiras de taipa ou "torrão", como as chamamos por aqui, são reforçadas com pedras nas porteiras, onde o gado forçava a sua estrutura. Seu tamanho médio é de 80 metros, e a distância desobedece qualquer convenção, pois os proprietários desses trechos é que decidiam ergue-las para poder cobrar mais pelo "pastoreio" (pernoite do gado). É preciso saber diferenciar as construções mais modernas daquelas erguidas pelos jesuítas em suas estâncias e postos (aqui, posto de Sta. Tecla., da estância de São Miguel).

**05-05-2010**

B diz: tche, por acaso eu ja tinha visto uma foto dessa mangueira da tua fazenda no Google Earth. chegasse a ver o mapa que eu fiz dos geoglifos gaúchos?

minga blanco diz: sim, olhei, e vi que tem centenas de pontos marcados [...] quanto as bananeiras bravas, tem ainda por aqui algumas valas jesuíticas bem definidas, e isso q devem ser de mil seiscentos e oitenta e pouco [...] estes q t falo são do posto de sta tecla, e este posto foi construido a partir de 1680, no 1º retorno dos jesuítas. [...] esta mangueira daqui de casa, ainda eh um misterio para mim

B diz: pq?

minga blanco diz: mas sem duvida deve ser jesuítica [...] pela situação geografica, pela epoca q deve ter sido feita e pela circunstancia de todo o complexo [...] na verdade os moradores de hj pouco ou nada sabem

B diz: sim, sabem alguma coisa de ouvir falar dos pais e avôs. há muito tempo que a maioria delas não é mais usada

minga blanco diz: para teres uma ideia, minha familia esta por aqui desde mil oitocentos e bem pouquinho e minha avó ja sabia bem pouco a respeito da mangueira

B diz: Interessante. por acaso tu tens os documentos antigos da propriedade dessa época? ou ja viu eles

minga blanco diz: sim, tenho algumas escrituras antigas

B diz: de repente, se constar a mangueira nelas, dá pra dar uma idade mínima pra construção

minga blanco diz: a da sede por exemplo, e de 1860; e consta que eh uma porção de terra dentro de uma area maior denominada estancia do minuano, e que possui uma mangueira para tropas e dois galpões de pedra em mal estado de conservação

B diz: isso no documento de 1860?

minga blanco diz: sim, nesses termos. o interessante que nessa epoca ja era tapera

B diz: ah nessa época da construção da casa ela já existia? ja estava ali antes?

minga blanco diz: sim, a mangueira e o os galpões. e alem da mangueira tinha todo um complexo de encerras de pedra q estavam destruidos ou semi destruidos

B diz: interessante isso. é, em 1870 chegou o arame de metal o RGS. e nessa epoca estavam vendendo os escravos pros paulistas, pouco antes da abolicao

minga blanco diz: sim,mas o interessante eh que naquela epoca, ñ se usava mangueiras para nada. por exemplo, meu bisavo fazia todo o serviço com o gado em rodeios. isso se resumia em contar, curar bicheiras e marcar a pealo. ñ se banhava, ñ se vacinava nem se aplicava vermífugos. ñ existia isso

B diz: sim, a marcação so foi exigida no seculo XIX. agora nao lembro exatamente em qual decada, mas posso olhar. so que tem elementos da cultura gaucha que dizem justamente isso, delas terem sido feitas antes dos casarões. pelo menos algumas delas

minga blanco diz: pois eh, para mim as mais antigas são jesuíticas

B diz: pode ser jesuíta sim, ou entao feita por changadores... reuniam o gado antes das charqueadas e confinavam num curral pra tirar o couro. a carne ia toda fora. existe um livro uruguaio muito bom chamado "De las vaquerias al alambrado", vale a pena, se tiveres como conseguir uma cópia... é meio antigo, fora de edição, mas nesses sebos da internet é capaz de conseguir. Uruguaio de Anibal Barrios Pintos

minga blanco diz: olha, bruno, fazer um gaúcho apeiar do cavalo para juntar um pouco de lenha para o fogo, ate acredito

B diz: ele fala bastante na epoca dos 1os currais, no Uruguai. mas como eu te falei, cada caso é um caso

minga blanco diz: mas para carregar pedras enormes, ñ creio

B diz: é, dizem que sao feitos pelos escraos tbm. alguns deles podem ter sido mesmo. outros mais antigos depende, a análise de cada um deles é que vai dizer. Escavações, etc. vai demorar mas um dia saberemos

minga blanco diz: sim, sem duvida, mas aqui por exemplo, os escravos eram poucos

B diz: Dom Pedrito por exemplo foi fundada por um desses changadores, contrabandistas de couro

minga blanco diz: mais mulheres do q homens

B diz: e se tem noticia dos changadores construindo currais pra isso, pra tirar o couro antes das charqueadas

minga blanco diz: e se tu vires o tamanho das pedras q encabeçam a porteira

B diz: iss é século XVIII ainda. é... ou escravo negro ou índio

minga blanco diz: vai ver q era preciso muita gente

B diz: tanto índio tape, mandado pelo jesuíta, como índio minuano, aliado aos portugueses

minga blanco diz: sim indios, mas ñ escravizados

B diz: sim, naquela epoca indios minuanos eram trabalhadores livres

minga blanco diz: acho importante esgotar todas as hipóteses

B diz: sim... sem duvida

minga blanco diz: sim, os indios missioneiros eram guaranis

B diz: e os minuanos eram amigos dos portugueses, vendiam gado pra eles e tudo  
minga blanco diz: e somente eles eh que tinham o poder de sair a campo com milhares de indios

B diz: por isso nao duvido de alguns dos currais serem obra deles

minga blanco diz: sim, muitos deles

B diz: poiseé, pode ser mesmo... principalmente aí na zona de Bagé, Lavras do Sul, etc

minga blanco diz: sim, aqui eram os campos das estancias

B diz: Exatamente

minga blanco diz: sao miguel, sao joao, etc [...] a ocupação jesuítica foi vasta no sul da America. mas o interessante era a questão do gado

B diz: é, por isso bato tanto na hipotese dos cangadores e depois dos tropeiros. exatamente o que tu disse, na epoca nao existia remedio pra bicheira, e marcação foi ser exigida so no século XIX. antes disso as unicas funcoes possiveis seriam pra servirem de paradouros ou pra segurar eles antes de matar e tirar o couro.

minga blanco diz: sim, o gado era um bem comum

B diz: 1820 surgiram as leis de controle de gado, vi agora num livro aqui

minga blanco diz: sim, nesse mesmo ano, os vizinhos de melo se queixavam de coreadores na região de acegua

B diz: tambem tem uma questao importante... as propriedades so começaram a ser inventariadas com mais detalhes la pra 1860, ntao existem coisas que so constam em documentos dessa epoca mas que sao bem masi antigas. por exemplo uma casa daqui, ela consta so em inventarios de 1860 e 1870, mas já aparecia num mapa de 1807

minga blanco diz: interezssante mesmo,

B diz: pra tu ver como isso da pra dar uma idade mínima aproximada, nem sempre exata. 1820?

minga blanco diz: sim

B diz: onde tu lesse isso, em algum livro? pq é um bom dado pra minha pesquisa

minga blanco diz: tem q ver q esta terra era espanha

B diz: sim, isso foi muito disputado. a fronteira ia e vinha pra la e pra ca

minga blanco diz: e que a primeira propriedade neste local foi uma estancia chimarrona doada a eugenio leal, em 1795. e que ia desde o arroio taquari até os serros de Bagé. e era espanhola, e era uma estancia de exploração de couro

B diz: interessante mesmo

minga blanco diz: o gado era selvagem, mas a terra era particular

B diz: sim eles simlesmente recolham o gado que ja esava la

minga blanco diz: era uma estratégia para fazer com que o proprietario fiscalizasse o quinto del Rey. se ñ o changueador levava direto a praia para negociar com piratas. ingleses, franceses holandeses, etc

B diz: sim... inclusive existe no uruguai um lugar chamado nao sei o que dos Piratas

que tinha um curral desses. tá lá até hoje. aí entramos num outro assunto muito interessante

minga blanco diz: sim sim

B diz: de que os piratas andavam aqui antes dos portugueses... eu tenho mapas de muito antes da fundação de rio grande que mostram a lagoa e o jacuí mapeados. com detalhes. mapas de ingleses, holandeses, etc

minga blanco diz: na verdade essa gente eram desbravadores natos.

### **19-06-2011**

[...] Bruno diz: tche me diz uma coisa sobre aquela foto que me mandasse dos bois arrastando torrão

minga blanco Aceguá diz: *que e tem?*

Bruno diz: pra que finalidade foram usados os torrões esses, tu sabe?

minga blanco Aceguá diz: *sim, para construir umas peças q serviram de dormitórios e cozinha*

Bruno diz: de que tamanho eram esses torrões +-? pareciam grandes na foto

minga blanco Aceguá diz: *sim, quase todos os torrões tem o comprimento igual a largura da parede, e a largura da pa*

Bruno diz: quantos centímetros da isso

minga blanco Aceguá diz: *as paredes começam com um pé q pode variar, mas normalmente de 0,60; então vão afinando pra cima, e conforme a altura chegam com 0,30*

Bruno diz: entendi. essas paredes ainda existem?

minga blanco Aceguá diz: *foram substituídas por "material"*

Bruno diz: sim. tu disse que as fotos eram de década de 1930 né?

minga blanco Aceguá diz: *mais ou menos, pois meu pai eh de 32 e aparece nas fotos. eh aquele piá.*

Bruno diz: sim

**Carlos Alberto Moreira Blaas, secretário de agricultura de Capão do Leão/RS**  
**<http://www.myspace.com/video/mem-rias-leonenses/entrev-carlos-alberto-moreira-blaas-secret-agricultura-cdl/101977342>**

(...) BMF – E tu tava me falando que essas mangueiras de terra eram de torrões?

CAMB – É, eram mangueiras de torrões, né, que na época usavam para encerrar os animais né? Prender os animais. E com o tempo depois elas foram desgastando né? E formaram esse formato. Mas ainda existe [...]

**Claudiomir Donini, 39 anos, domador de cavalos, morador da Av. 25 de Julho**  
**<http://www.youtube.com/watch?v=PykOTWKig30>**

(...) BMF – Tu já tinha visto falar nessas mangueiras de torrão aí que a gente tava olhando?

CD – Não. Desse tipo de mangueira de torrão não. Eu já tinha ouvido falar em pedra, de figueira, mas de torrão nunca.

BMF – Tu me falou sobre uma mangueira de figueira. Tu pode me explicar de novo aonde?

CD – (...) Estância do Sérgio Santana [ou a Estância da Graça, que pertenceu à família do escritor João Simões Lopes Neto]

BMF – E tu sabe me explicar... Porque eu sei que tem as mangueiras redondas pra doma de cavalo também. Tu podias me explicar como é que funciona? É anti-stress, não é isso?

CD – Isto. Se for pra cavalo, é anti-stress. No caso, pro cavalo que ta pegando a lida de rédea dentro de mangueira, e também pro domador não brigar muito com o cavalo né. E não se estressar. E pra gado a mesma coisa, pra evitar o stress, porque ele não vai chega em canto, tentar pular... Não estressa porque anda sempre na volta em círculos.

**Clementino Gentilini Ferro (Tito), pecuarista aposentado, ex-morador de Cerrito/RS, Herval/RS e atual morador de Pelotas/RS.**

**<http://www.youtube.com/watch?v=fsX4EYB9xyl&list=UUgH75WY0iIJ4LUDK-Jcc-g&feature=plcp>**

**PARTE 1/2**

[...] BMF – O seu Tito que conhece as mangueiras então, lá pra, lá pro Cerrito né?

CGF – É! É quem vai pra lá! Aqui no Capão do Leão né?

BMF – Aí tem também né? Como é que é? Eu queria que o senhor explicasse da sua boca o que é isso aí.

CGF – Antigamente eles tinham um rebanho grande de gado [impossível entender] .

Então eles faziam cerca de pedra assim. Mangueirão de pedra. E dependendo do gado que tinha o camarada fazia a mangueira. Fazia pequena, fazia media, fazia grande como essas daí que é da Antoninha Berchón e do Carlinhos.

BMF – E onde não tinha pedra eles faziam como, Seu Tito?

CGF – Onde não tinha pedra eles faziam de torrão.

BMF – Torrão?

CGF – Com torrão de terra. Iam levantando, levantando, cavavam embaixo e faziam o torrão.

Eram as mangueiras... Quem não tinha pedra fazia de torrão.

BMF – Ah, é... E o senhor conhece muitas delas, Seu Tito?

CGF – Não. No campo que eu tinha no Herval tinha muita pedra. Cerca de pedra. E tinha mangueira também – tinha uma parte que era mangueira. Mas tinha muita, muita cerca de pedra.

BMF – Ali pra aquela região tem bastante. Naqueles matos né? E aí, claro, vai encontrar também aí né? E perguntar aonde que existem essas mangueiras? Pra quê que elas serviam...

CGF – Ah, lá em Pinheiro Machado, Piratini, Pedras Altas, Herval. Isso tudo tem. Em Canguçu tem algumas. Mas aí ah... Nessa região que eu tô te falando, que é mais de fronteira... Tinha muito. E por que isso, além deles empregarem aquelas pedras, ainda tinha a mão-de-obra que era barata: era feito pelos escravos. Tudo foi feito pelos escravos! [impossível entender] ...pra fazer aquilo mesmo...

BMF – Trabalho pesado, né?

CGF – Bah... Tinha pedras de cabeça de... de... de... coisa... que eu não sei como eles carregavam aquilo. [...] Essas hospedarias se davam também porque tinha contrabando daqui pro Uruguai. Meu pai mesmo e o meu avô faziam, levavam fumo pra lá. Levaram 2 meses viajando com fumo pra lá, com 20 cavalos ou 20 burros, vamos dizer, amarrados um na cola do outro. Levavam os fumos. E levavam 3 meses pra lá e 3 meses pra cá. Levavam 6 meses viajando. Entregavam o fumo lá... Iam a cavalo! Entregavam o fumo lá e de lá eles traziam: cintos de couro, que não tinha aqui... Cintas, revólver... Pistola naquela época. Armas, facas... Sedas, que não havia aqui, pra fazer lenço, fazer coisas... Lenço colorado, lenço branco, né? E traziam essas coisas de lá pra vender aqui e levavam o fumo pra lá. E atravessavam ali o Jaguarão, era o Rio Jaguarão, atravessavam de barca de couro. Faziam bolas, como bolas de couro, e atravessavam com aquilo.

BMF – E isso aí, em que ano que era mais ou menos isso aí?

CGF – Ah... Meu pai era rapaz. Faz mais de 100 anos isso aí.

BMF – Deve ser uns 90, 80, por aí?

CGF – Mais de 90... Mais... Meu pai se fosse vivo tava com cento e tantos. Então, ele era rapaz e já fazia isso pra lá. Contrabando pra lá. Então, ah... Os uruguaios, eles só receberam o país depois do Brasil já estar estruturado, tudo. Depois então ficou Uruguai, ficou Argentina... E depois esse resto todo que tem aí. [...]

BMF – [...] Eu vou lhe mostrar agora uns mapas antigos aqui, Seu Tito, que são dessa época mais ou menos de 1780, por aí. E que mostra essas rotas por onde era levado [o gado] pra Cerrito... Não, ao contrário! Era trazido de Cerrito e levado pra Pelotas e Rio Grande. Então tá aqui ó, o Cerro Pelado...

CGF – Cerro Pelado eu nasci, no campo.

BMF – ...Passo das Pedras...

CGF –É...

BMF – Tá! Passo dos Carros, aí ele vai lá no Passo dos Carros, depois ele faz a volta aqui por... Antes do Rio Pelotas, né? Passa o Santa Bárbara, aí ele entra e vem aqui, vem pro Logradouro Público, aqui... A Tablada que é aqui no meio, e tal... E pras charqueadas na beira do Rio Pelotas.

CGF – Ahã.

BMF – E nessas charqueadas tem essas mangueiras. Na Estância da Graça, por exemplo, onde eu fui, onde passou a infância e se criou o Simões Lopes Neto existe uma mangueira redonda dessas. Que é uma mangueira redonda feita de mata nativa, que deve ter por volta duns 20, 30 metros de largura só a borda dela, e na volta da borda é toda de coronilha, que é espinheiro; e gravatá, que é espinheiro. Pro senhor ver como é que era...

CGF – ...que eles faziam. Faziam de torrão também. Mas faziam de mato também.

BMF – E de planta também. De planta o senhor já tinha ouvido falar?

CGF – Ah, o americano usou muito isso.

BMF – É?

CGF – O americano, nas granjas deles, faziam de madeira. Plantavam as árvores já de acordo, né?

BMF – É, aqui foi usado muito também. [impossível entender] Aí é que tem a dúvida, porque essas mangueiras, elas vão aqui, e elas vão embora. Até a região das Missões...

CGF – ...e vão embora. É, aquilo era o moderno do tempo né? Aquilo, naquele tempo era moderno. As mangueiras eram modernas porque não havia arame.

BMF – Sim...

CGF – Não havia arame. Havia marcos de pedra. Eles mediam com guasca de couro, com laço de couro. Mediam a laço!

## PARTE 2/2

[http://www.youtube.com/watch?v=xzOn\\_T0HpOw&list=UUgH75WY0iIUJ4LUDK-Jcc-g&index=2&feature=plcp](http://www.youtube.com/watch?v=xzOn_T0HpOw&list=UUgH75WY0iIUJ4LUDK-Jcc-g&index=2&feature=plcp)

[...] CGF – Os uruguaios eram mais adiantados que nós. Nós aprendemos muita coisa com o Uruguai. Porque, por exemplo, os troços de gauchesco nós aprendemos com o Uruguai. A assar carne... Eles eram exímios assadores de carne. Tinham o gado melhor que aqui, e eram mais... Eram mais campeiros. Eram mais... Eles ensinavam...

BMF – Muitas dessas mangueiras eram dessa época aí, ou da época do contrabando de couro ainda. Que não tinham muitas charqueadas... Tinha algumas mas digamos que era muito controlado, eles passaram a controlar o gado porque tinha muito contrabandista de couro... Porque aquele gado era do rei! [...]

BMF – Seu Tito, o pessoal comenta muito também que onde tem essas mangueiras, “antes de existirem os casarões existiam as mangueiras. O pessoal conta isso né? Isso aí dá a entender que seria de época dos primeiros tropeiros... Todo mundo fala que eram mangueiras usadas pelos tropeiros, e que depois a estância foi construída e que aí, a partir daí, a mangueira foi usada pra lida com o gado. Agora, depende de cada uma... Cada uma tem sua história particular.

CGF – É isso partiu muito dos índios... Os índios e os escravos é que faziam, o branco não botava a mão. Era o escravo que fazia as mangueiras. E bem feita!

BMF – E os índios também não ajudavam, será?

CGF – O que?

BMF – Os índios também não ajudavam, na época? Porque os minuanos nessa época aí eram...

CGF – Eles eram campeiros! Os índios campeiros.

BMF – Os índios eram trabalhadores livres mas eles ajudavam também nessa parte das mangueiras, não trabalhavam?

CGF – Não. Os índios charruas... Os caras... Barbaridade, eram valentes!

BMF – Ensinou muita coisa pra os gaúchos de todos os lugares. Não só daqui como no Uruguai e na Argentina

CGF – É, é. Os charruas.

BMF – Charrua, minuano, guenoa... [impossível entender]

CGF – Eram exímios campeiros e brigador de faca.

BMF – E trabalhavam nas estâncias, né...

CGF – Agora, o Uruguai trouxe muita coisa pra cá, né? [impossível entender] A Argentina também. O lado campeiro era da Argentina e do Uruguai. E o brasileiro pegou o lado campeiro deles.

BMF – E eles começaram a ter que ir buscar o gado daqui dessa região, ou daqui do Uruguai, e entrar aqui na região. E por tudo isso aqui, nessa região toda aqui tem currais. Toda ela, e currais redondos como esse. De pedra, de plantas, de terra. Então, também, há a essa possibilidade de serem portugueses. E tinha alguma coisa de jesuítas aqui na região de Pelotas, Cerrito?

CGF – Não, não. Acho que não tem.

BMF – Só em Bagé, lá pra Lavras do Sul, sim né?

CGF – Sim.

BMF – Mas lá era o limite das estâncias deles né?

CGF – Vieram pra cá os jesuítas fazer a catequese. Mas o povo que tinha aqui, os índios...

BMF – Tentaram, mas não se criaram aqui, né?

CGF – Hein?

BMF – Tentaram, mas não se criaram.

CGF – Não, não. Eles vieram explorar também. O que era bom eles levavam. Não aqui, porque não tinha tanto assim, mas no resto do Brasil. Pedras boas, e de ouro... [...] Os burros e mulas, tu sabe daonde veio?

BMF – Uhn?

CGF – Veio da Espanha, porque aqui não tinha. O burro é espanhol. Porque eles trouxeram da Espanha. Aqui não tinha.

BMF – Sim, era o gado dos jesuítas. O gado não era só vaca... Também eram trazidas mulas...

CGF – Eles começaram a trazer. [...]

CGF – Houve épocas em que o couro valia mais que a carne.

BMF – Exatamente!

CGF – Eles matavam pra tirar o couro.



BMF – Certo! Ainda não tinham as charqueadas... Seu Tio, e as porteiras dessas mangueiras eram feitas como, assim? Eram de madeira?

CGF – Não. Eles pegavam uma laje de pedra. [impossível entender] Pegavam duas lajes de pedra mais ou menos assim [indicou com a mão aproximadamente a altura de uma pessoa sentada], lascavam... Lascavam como se fosse de pedra, hoje. Só que faziam ela mais larga. E furavam...

BMF – Podiam fazer com madeira também, né?

CGF – Claro, faziam com madeira também. Mas faziam de pedra. E depois cortavam... E tinha árvores... Eucalipto acho que não é daquela época. Mas tipo eucalipto assim, eles pelavam as varas, secavam, e botavam as varas ali. Enfiavam naquele buraco. E a de madeira também... De madeira também era nesse mesmo sistema. Eles faziam buraco e botavam os paus dentro...

BMF – O senhor sabe aonde que eu vi os pedaços dessas mangueiras de vara aí? Aqui em Pelotas, ali na Estância da Palma. Ali foi feito em 1814. Na casa ta escrito, né? Então era uma mangueira feita de figueiras né? E de planta nativa, e com espinheiros... [impossível entender] E por dentro ela é fechada com paus. Então, segundo o pessoal de lá, isso foi sendo repostado desde aquela época. Eles diziam “ah, um pau caiu ou coisa assim, troca”. Então tu olha naqueles paus e tu vê umas quantas dessas toras aí furadas. Tu vê as toras furadas que faziam parte e que ainda existem. [...]

CGF – Até tinha um velho ditado que dizia assim: “mangueira boa não tem quatro cantos, mangueira boa não tem quatro cantos”. Porque depois nós inventamos fazer quadrada, mas não é o direito. Porque às vezes o gado se embola, e fica difícil do cara lidar. Então redonda tu lida com a maior facilidade. Então, mangueira não tem quatro cantos. E nós fizemos quadrada mas o direito era redonda. [...]

**DIAS, Joaquim. <http://www.geoglifosdosul.xpg.com.br/>**

”...os currais constam no folclore do norte da Argentina e são comuns no pampa: ‘Usavam, entretanto, os mais diversos tipos de material como cercado; os torrões que tu documentastes, mas também madeira, cana, pedra, etc’. Dias acredita que: “... a época pode se situar desde 1780 até 1900”

**Edar Ribeiro, 71 anos, proprietário de terras em Capão do Leão: falou sobre diferentes temas relacionados a Capão do Leão. João Amauri de Oliveira: capataz da fazenda de Adler Hassen: falou dos geoglifos existentes nessa propriedade.**

**<http://www.myspace.com/video/mem-rias-leonenses/entrevista-com-edar-ribeiro-e-jo-o-amauri-de-oliveira/102357121>**

BMF – ... entrevistando aqui o seu Edar, e ele ta explicando, seu Edar Ribeiro... Que idade o senhor tá, seu Edar?

ER – Ah?

BMF – Que idade o senhor tá?

ER – 71 anos.

BMF – 71 anos?

ER - Um guri ainda!

(risos)

BMF – E me diz uma coisa, seu Edar. O senhor tava explicando como é que era feito e como é que era...

ER – Bom, o negócio é o seguinte! De primeira, eu cheguei a alcançar aquelas mangueiras que tu tem a fotografia aqui, era mangueira de “turrão”, que era feita pelos cativos. Pelos negros cativos, os escravos!

BMF – Ah, entendi!

ER – Então tem nas porteira uns pau quadrado, que eram falquejados a machado. E no meio dos paus tinha uns buraco que era de enfiar a vara. Pra enfiar a vara. Vara de campo, de mato... Capororoca, cocão... Ah, várias... Então eles enfiavam ali aquelas varas, e ficava a mangueira, e botavam o gado prali. Mas botavam aí 400, 500 rês, até mil rês! Naquele mangueirão ali cabe mil rês! Então tu fechava aquela porteira ali, e ali tu trabalhava ali dentro com as rês. Eu cheguei a alcançar as vara ainda. Os pau cravado e as vara ainda!

BMF – Ainda existia quando o senhor viu a primeira vez...

ER – Exato! Ali na estância tem... Não tem uns mangueirão ali em cima, do tempo do seu Edmundo Berchón. A granja, ele é o capataz da firma ainda. [Edar aponta para João Amauri de Oliveira]

BMF – De quem que é a granja?  
JAO – Adler [Adler Hassen]. [...]  
ER – Tem mangueira. Ali também tem mangueira. Então, tinha mangueira em cada fazenda tinha essa mangueira. Que era aonde a gente trabalhava com o gado ali dentro, entendesse?  
BMF – Uhum!  
ER – Fazia aparte, e outros... Pra vender... Apartava tudo ali dentro desses mangueirão.  
BMF – [mostrando fotos e imagens de satélite no notebook] Esse aqui não sei se o senhor vai conseguir enxergar, esse aqui é no fundo do galpão do Carlinhos...  
ER – Ah, no fundo do galpão do Carlinhos.  
BMF – E esses aqui ó, aqui tá a sua estância, onde nós tamos aqui no galpão. [...]  
ER – E o outro mangueirão ali tu tem gravado.  
BMF – Ali também. [...]  
ER – Aquele outro mangueirão que tem lá é que eu to te contando das varas, visse?  
BMF – E esse aqui o senhor nunca viu ser usado?  
ER – Não, esse aqui eu não cheguei a ver. [...] Quando eu vim pra cá ele era maior.  
BMF – Mais alto?  
ER – Mais alto. [...] Eu era pequeno. Agora eu to com 71 anos. Eu tinha essa altura! [...]  
ER – Ah! Tem um mangueirão no açude, dentro do açude. Que tem ali marcado... Quando o açude tava seco. Tu marcou, tu marcou... Tem um dentro do açude!  
BMF – Tem um aqui e tem outro bem do lado! [...]  
JAO – Onde paravam os tropeiros não era ali?  
ER – Ah?  
JAO – Os tropeiros paravam com as tropas.  
ER - Os tropeiros paravam com as tropas! Aqui na (?) onde tu desenhou também parou muito tropeiro ali.  
BMF – Ali era o caminho.  
ER - /corredor das tropas! Conheço desde o Corredor das Tropas! Tem o Passo dos Carros ali, que tinha, vivia só disso aí, que era onde botavam as tropas, o... Otávio Souza!  
BMF – Não conheci...  
ER – Não. O Otávio Souza hoje ele não existe mais. O Otávio Souza tinha onde guardavam tropas. Onde eles iam com as tropas... Essa hora? Não dava pra chegar em Pelotas. Então já acampavam.  
(impossível de entender)  
ER – Era o Corredor das Tropas! Onde era o Rincão do Andrade [...] Se tu entrar aqui, vai sair na faixa pra Canguçu. Mas fazendo aqui por dentro, na estrada das tropas... Lá no Otávio Souza, passando o Otávio Souza tu vai pelo (?) que ele tá desenhando aqui, vai sair lá na Cascata. Eu me lembro, eu me lembro aqui que passava há 50 anos atrás aqui, 50 não 60 anos, passava tropas de 50 60 100 perus, pessoas de a pé com peru, que levavam pro matadouro pra matar. E levava também tropa de porco, [...] que traziam pro Anglo. Porco, cento e tantos porco, 200 porcos, tropeando. E com burro, não era a cavalo. Visse o quanto se passou aqui? [...]

**Gilberto Macedo Júnior, proprietário da Granja Maria, no Passo do Descanso: falou sobre diferentes temas relacionados a Capão do Leão.**

**<http://www.myspace.com/video/mem-rias-leonenses/entrevista-com-gilberto-macedo-junior/60620740>**

[...] GMJ – Lá foi que começou a colonizar aqui o Rio Grande do Sul [aponta para um curral de terra visto da beira da estrada, na propriedade de Edar Ribeiro]. Tá vendo aquela vaca lá? Tá vendo aquele redondo lá? Tá vendo aquelas ovelhas lá? Tá vendo aquela porteira lá embaixo, não tá?

BMF – Tá, to vendo.

GMJ – Tá vendo onde tão aquelas ovelhas pastando lá, naquele cantinho? Não tem um círculo na volta delas?

BMF – Tu vê... [surpreso]  
(risos)

GMJ – Aquilo lá era a mangueira. [...] Tu olha pra porteira e vê que tem uma barranca, uma taipa redonda... Ó lá... Faz a volta lá por cima da coxilha, vai lá onde tão aquelas ovelhas depois desce de novo... Ó lá. É uma taipa lá, dessa altura assim ó! [indica com a mão a altura do peito]

BMF – Olha lá...

GMJ – Aquilo é uma mangueira de gado antiga. [...] Olha lá, ela redonda redonda. [...]

**Guido Clasen, 60 anos, vizinho da Estância Santa Tecla, em Capão do Leão/RS: falou dos geoglifos existentes perto de sua casa.**

<http://www.myspace.com/video/mem-rias-leonenses/entrev-guido-clasen-60/101954676>

[...] BFM – O senhor já mora há bastante tempo aqui?

GC – Já. Quase 40 anos.

BFM – É... E aqui passavam as tropas também?

GC – [indicou que sim com a cabeça] Inclusive aqui onde era o falecido meu pai era onde as tropas passavam à noite.

BFM – É tinha o curral...

GC – É tinha o curral.

BFM – E elas eram de terra né?

GC – Elas eram de terra. Mas isso aí é desde o tempo dos escravos, como se diz, que já existia isso aí.

BFM – Feito pelos escravos?

GC – Feito pelos escravos.

BFM – E como que era de altura isso aí, o senhor lembra?

GC – Eu acredito que um metro e meio de altura. Porque eles tiravam a terra de dentro, pra fazer aí já a mangueira, e levantando por fora.

BFM – [...] E era esse [coberto de eucaliptos, em frente à casa], era o outro que tem pra lá desses eucaliptos, né?

GC – Por esse corredor aqui era lá no fundo lá tinha o outro também que já não existe mais.

BFM – Passando o rio?

GC – Passando só o riozinho pequeno que tem ali, passando a sanga. E o outro é ali bem na beirinha dos aviários da Cosulati. [...]

**Joao Amauri de Oliveira Aires, 53 anos, capataz da granja Adler Hassen em Capão do Leão/RS.**

<http://www.myspace.com/video/488556767/entrev-joao-amauri-de-oliveira-53/101830071>

[...] BMF – E o que o senhor ouviu falar sobre essas mangueiras?

JAO – O que eu ouvi falar exatamente, construíram há muitos anos, no tempo dos escravos, feito de torrão... E que o objetivo era esse: as tropas que vinham da fronteira pras charqueadas de Pelotas, em determinados locais eles se reuniam pra pernoitar. Tinham que deixar encerrados [os animais]... Naquela época não havia cerca, não havia arame, faziam da própria terra. Isso é o que eu ouço falar pelos mais velhos! Assim como tem locais que têm as de pedra... Aonde tem muita pedra eles faziam mangueira de pedra, e aqui seria mangueira de torrão.

BMF – E aqui, como que era o nome dessa estrada. Era Corredor das Tropas também aqui, não?

JAO – É acho que seria por onde passavam as tropas... Não seria especificamente “Corredor das Tropas”... Aqui seria mais pra fora, na campanha... “Corredor das Tropas” seria mais nos povoados, onde desviavam num lugar específico pras tropas.

BMF – Pra não passar por dentro, né?

JAO – É, acho que era por onde passavam as tropa, as carreta, as carroça. Passavam tudo por aqui. [...]

**Joel Soares da Silva, morador da Serra do Pavão de 51 anos: falou do geoglifo existente em sua propriedade.**

<http://www.myspace.com/video/mem-rias-leonenses/entrev-joel-soares-da-silva-51/101829508>

[...] JSS – Era bem onde ta aquelas pedra ali, a taipa deles. Agora tem só um pedaço da mangueira. A outra tava baixinha e o falecido pai metia-lhe [impossível entender] e desmanchou. [...] Ali no meio onde tem aquelas árvore tem uma parede ainda. É o último restantezinho que ta sobrando aí das mangueiras.

BMF – Sim.

JSS – Mas dá pra ti ver ali. Ainda tem o finalzinho aqui. Era o mangueirão ó. Aqui ó, é um pedaço da taipa, da parede aqui ó. Aqui dá pra ti ver ainda aqui ó. Ali onde ta aquela várzea

BMF – É, dá pra ver que ela é meio circular

JSS – É circular, é. Ali tem um valo de serra que se vai embora por aquele mato afora ali ó. E ali onde eles faziam o abate de animal. Fica bem ali naquele matinho ali assim. Era aonde carneavam os bichos aqui. Tem aquele lá pro lado de Bagé onde aquele senhor se enforcou, que tem um mangueirão que eles laçavam as pessoas e depois degolavam.

BMF – Ah ta, ouvi falar nisso aí. Era o Potreiro das Almas acho que era... Não era?

JSS – Era por ali... Os maragatos do Capão né? Ali já pra ti ver bem a parte ali. Ali o falecido pai andou largando terra e abriu uns valos. Aqui nesse campo onde tem aquele galpão ali tinha três mangueirão. Tinha um por aqui assim, o outro passando o galpão pra lá um pouco, e bem onde ta aquele gado lá em cima era o outro. O terceiro mangueirão.

BMF – Se hoje tu chegar lá nem enxerga né?

[impossível entender] [...]

JSS – Tinha 2, 3, 4, 5 mangueirão. [...]

BMF – Era muito alto isso aí e baixou com o tempo?

JSS – Ah baixou. Era mais alto, bem mais alto. [...]

**José Contreira, pecuarista e ex-tropeiro de 84 anos, morador da Av. República do Líbano em Pelotas/RS: falou dos geoglifos existentes perto de sua casa.**

<http://www.myspace.com/video/rid/110919177>

[...] BMF – Seu Contreira. O senhor disse que era tropeiro também, e o senhor me falou da outra vez das mangueiras de torrão.

JC – Ah! Ah!

BMF – O senhor lembra que eu disse que no campo aqui do lado tinha uma, e o senhor disse que não. Lembra? Que aí eu peguei e mostrei meu computador e deu pra ver né?

JC – É! É! É! Deu! Deu!

BMF – O senhor lembra né?

JC – Me lembro! Lembro sim!

BMF O senhor sabe que eu comecei a rastrear essas mangueiras...

JC – Certo!

BMF – Na Estrada do Passo dos Carros... Por essa estrada antiga por computador. O senhor sabe até onde vai? Isso aí vai até as missões... Vai por todas as cidades, municípios aqui do sudoeste do Rio Grande do Sul...

JC – É!

BMF –...e liga trilhas por dentro do Uruguai, que cruza todo o Uruguai. Por tudo tem aquela mangueira circular. Vai até a Argentina

JC – É, mangueira de taipa né?

BMF – O senhor sabia que ia até tanta distância?

JC – Isso eu não sabia. Só que existia na época né.

BMF – Antigamente quando eles vinham pra Pelotas ali na Estrada do Passo dos Carros eles paravam nessas mangueiras.

JC – É tem diversas mangueiras. Às vezes vinha uma tropa atrás da outra. Chegava às vezes 2, 3 tropas, com 300, 400 bois cada uma. Uma atrás da outra. [...]

BMF – [...] Seu Fernando Viana da Fábrica de Sabão Lang [...] ele contou que havia uma pessoa que era encarregada de cuidar pra que as tropas não misturarem, então era como um guarda de trânsito. [...]

JC – Eles controlavam, era controlado, pra não misturar. [...] Em 1960... e... 1963, 64 ainda passava tropa aí

BMF – O senhor falou que o senhor trazia tropa de São Lourenço...

JC – Mas de tudo quanto é canto!

BMF – Vinha por cima da Lagoa?

JC – É! Feitoria, Costa da Lagoa, vinha por esse costão todo aí... Costa Doce...

BMF – Atravessando por cima da Lagoa o senhor trazia também?

JC – Atravessava [impossível entender] Cansei... Quase morri umas duas três vezes, perdido na água. [...]

[Contreira conta sobre uma travessia de tropa sobre a Lagoa dos Patos na qual se perdeu] [...]

BMF – E esses caminhos [...] pra quem ia pra São Lourenço também tinha essas mangueiras, não? Ali pela Estância do Simões Lopes, Estância da Palma...?

JC – Tudo aí pra fora! Tinha lugares pra fora que essas mangueiras eles não faziam de taipa, faziam de pedra. [...] A maior parte de pedra. Fazia alto assim...

BMF – E onde não tinha pedra, como é que fazia?  
JC – Fazia de taipa de terra.  
BMF – E como é que era?  
JC – Eles cortavam torrão e faziam 3 metros de pé [espessura na base] e terminavam com 2 em cima, 1 e pouco em cima [metros, espessura do topo]. Fazia alto. Nunca o animal passava ali.  
BMF – E como é que era a porteira?  
JC – A porteira de vara.  
BMF – E como é que era?  
JC – Eles botavam uma tronqueira assim ó, uma tronqueira, e furavam. Furavam aquelas tronqueiras da porteira, e metiam umas vara grossa assim, 5 6.  
BMF – Naquela mangueira lá da Estância da Graça ainda tem um pedaço dessa tronqueira.  
JC – Não era furada ali no meio dos postes??  
BMF – É  
JC – O cara mete a vara ali, 5 ou 6 varas, da altura que for necessário...  
BMF – E essa da Estância da Palma ali era feita com espinheiro? [...] Era com coronilha e gravatá. O senhor conheceu?  
JC – É, eles faziam... Eles aterravam na volta e criavam ali um mato com tudo, era gravatá, era espinho... [...] E era assim mais ou menos...  
BMF – E até aonde o senhor sabe que vai essas trilha de carregar tropa que tem as mangueiras essas?  
JC – Olha... (impossível entender) ...Isso vai longe!  
BMF – Até aonde o senhor já foi?  
JC – Eu fui até perto de Bagé.  
BMF – Todo tempo com essas mangueiras redondas?  
JC – É! Redondas... Mangueira de pedra, mangueira de taipa... [...] Acampava, levava o capão já prontinho embaixo dos pelegos pra fazer assado. [...] Carneava assim, comia uma parte e a outra parte guardava pra própria... Pra parar né?  
BMF – Aí botava embaixo do pelego?  
JC – É, é! Na mala. Botava tudo lá dentro, na mala, entende? Alguns criavam... Nós não tinha, mas alguns criavam burro assim, pra, carregar...  
BMF – Os mantimentos?  
JC – Os mantimentos... Havia tudo ali. Havia medicamento... Algum medicamento que fosse preciso... Algum ferro pra ferrar cavalo que servia na tropeada. [...]  
BMF – E era muita rês que o senhor tropeava?  
JC – Não... Certas épocas era 300, 400...  
BMF – Quantas pessoas precisava pra levar 300, 400 rêses?  
JC – Mais ou menos umas dez pessoas. [...] Cada um tinha que ter... Tinha que ter o ponteiro, tinha que ter o traseiro, lateral [...] Pra andar com o gado “encordoado”.  
BMF – E tem lugar lá pra volta de Bagé que tem corredor das tropas que é fechado pelos dois lados. O senhor já passou por algum lugar assim também, não?  
JC – Por algum lugar já passei.  
BMF – Paradouro como é que era? Era tudo... Essas mangueiras eram mangueira grande né?  
JC – Mangueira grande, mas tinha um corredor.  
BMF – E a mangueira grande era onde era o paradoro?  
JC – Era o paradoro, onde parava o gado.  
BMF – Nessas mangueiras grandes cabiam quantas reses mais ou menos?  
JC – Isso era mangueira que cabia 400, 500 rês. Tranquilo. [...]

**KLAMT, Sérgio Célio. Revista de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 09 fev. 2010. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/geoglifos-gauchos>>. Acesso em: 16 jun. 2011.**

19/7/2010 Prezado Bruno.No final de Junho de 2010 fiz um laudo arqueológico para pavimentação de uma rodovia entre Bagé e Torquato Severo. Como a revisão bibliográfica anterior às atividades de campo fazem parte do laudo, tive a oportunidade de acessar ao seu trabalho pelo qual lhe parablenizo. Vistoriei in loco e contactei com os proprietários das terras de vários locais apontados na imagem do Google apresentada. Minha contribuição vem no sentido de que alguns desses locais não são currais, embora assim o pareçam pelo Google. Contatei que alguns são na verdade locais utilizados para adestramento de cavalos e que na

imagem aérea dão a falsa impressão de currais. Em meu relatório protocolado na 12SR/IPHAN/RS solicitei a preservação dos locais identificados e certamente juntamente com as obras da rodovia isso deverá se concretizar. Espero poder manter contato contigo em outra oportunidade. Abraço e mais uma vez parabéns pela iniciativa.

**Leomar Céus, agricultor de 48 anos morador da Av. República do Líbano, em Pelotas/RS: falou dos antigos currais de terra existentes em sua propriedade.**

**<http://www.myspace.com/video/mem-rias-leonenses/entrev-leomar-ceus/101977868>**

[...] BMF – Então quer dizer que isso aqui era do primo do teu, do teu... Era do primo teu avô isso aqui então? Essa terra?

LC – Exatamente, era primo do meu avô. E como não tinha pedra, aí pra segurar os animal pra levar pras charqueada, então tiravam terra com grama e iam fazendo a mangueira né? Pra segurar os animais. E aí os troperos, como vinham de longe, de Camaquã, São Lourenço...

BMF – Vinham parando...

LC – Parando aqui. Pros animal não fugir, pra no outro dia não passar um baita trabalho pra juntar os animais de novo, segurava aí, né?

BMF – E como que era que eles seguravam o animal? Vala que tinha? Ou era com...

LC – Eles fizeram uma vala, e tinha... Tem uma sanga aqui né? Então aí já não tinha como os animal escapar, era só eles fazer o manejo pras mangueira né?

BMF – Uhum.

LC – Era pra ser prático. Eles usaram bem as idéias deles pra fazer isso aí, né?

BMF – É um troço inteligente né... E tu me falou que tem uns 200 anos?

LC – Mais de 200 anos. O dono antigo aqui né, o pai dele faleceu com 92, e ele também... E quando eles compraram aqui isso já foi falado. Eles compraram já era mais de 60 anos, então dá mais de 200 anos.

BMF – É, é o que o pessoal calcula aqui. Só que é muito pouco conhecido... É uma coisa que aquela época quase nem se escrevia né?

LC – Exato, é.

BMF – Só o que fica por avô...

LC – É, a história continua, um vai falando pro outro, passando...

BMF – É importante... E essas árvores então quer dizer que não eram naturais dele?

LC – Não. Essas árvores com o tempo o passarinho foi plantando né. E como esse tipo de árvore que tem aí em cima gosta do piso fértil, porque o pessoal pegava a flor da terra, né? Pra fazer, no caso, a mangueira, né?

BMF – Uhum.

LC – Eles cavavam um tanto assim né, com a grama. Aí depois, como aquilo é pura terra [as bordas do curral]... É cavado em volta né? Então tem que crescer. [...] Aqui foi uma vala que eles fizeram. Olha... Aqui continua essa vala, ela ia até lá embaixo na sanga né? Aí depois dragaram a sanga e o antigo dono abriu aqui. Mas era tudo mata, né? Não tinha, no caso, barranca. Tinha uma vala aqui ó, pode ver. Aqui ela é funda né, onde a água vem. Ela é funda... Então cavaram aqui uns 3 metros de largura, e bem fundo ali ó. Então os animal no caso não tinham como disparar. Vamo supor que tu vinha com 80 animal [...] então aí tinha como segurar né? Tinha a sanga e a vala aqui.

BMF – Hummm...

LC – Essa aqui é mais baixa, essa aqui ó [borda do segundo curral]. O último que era dono aqui, na época o pai tinha 20 e poucos anos, a sanga aqui não terminava né. Depois com o tempo, vingou né? Desse lado aí [de dentro do curral] eles plantaram também né... Não tinha uma árvore aqui, nisso aqui né?

BMF – É?

LC – Era tudo limpinho... Tudo campo, né! Aí o passarinho foi trazendo [as sementes das árvores].

BMF – Hmmm. Essa que é a explicação então, das plantas estarem na volta dele.

LC – Exatamente. Até aqui onde eles cavaram a terra ficou ruim pra agricultura né? Porque eles tiraram a flor [camada superior do solo, a mais fértil], aí ficou no causo a “grelha” né? Aí com tempo eles não recuperaram a terra, entende? Botando cinza né, e bastante esterco. Aí a terra ficou a parte de cima. Claro, tiraram a flor né?

BMF – Sim.

LC – E aí foi trazida aqui, ó.

BMF – E aí não tem nada plantado no meio desse (?)?

LC – Nós temo abelha aqui né?

BMF – Ah, tem abelha aí... Eles faziam alto?  
LC – A terra, como eu disse que eles tavam fazendo, era empilhada.  
[impossível entender]  
[Leomar mexe na terra de uma das bordas com a mão]  
BMF – Flor da terra que tu fala é a parte de cima né?  
LC – A parte de cima, é. Olha aqui... Terra boa ta aqui né, como eu disse. Aí nós tivemos que recuperar a outra parte ali né? [interior e exterior do curral] Pra poder plantar, né?  
BMF – Ah, puxaram a terra boa pra cima. Entendi.  
LC – Sim! O filé ta aqui, ó!  
[impossível entender]  
LC – Aí cortavam né.  
[impossível entender]  
BMF – Torrão, tu diz?  
LC – É, “turrão”. [impossível entender] ...de altura. E aí, como foi falado, tinha naquele tempo, tinha duas madeiras assim, na entrada, botavam madeira né. [impossível entender] E aí como eu te disse, né? Olha essa terra aqui. [impossível entender] Pura terra isso aqui. [impossível entender] E aqui os animal ficavam durante a noite né? Os caras [tropeiros] ficavam dormindo né? Descansando né? Pra no outro dia prosseguir a viagem.  
BMF – E quantos bichos será que cabia numa cerca dessa aqui?  
LC – Acho que cabiam aqui uns 100, 200 animal, né?  
BMF – 200? É bicho, hein?  
LC – E aqui [interior do curral], há 20 anos atrás, meu tio plantava. Naquele tempo era bem limpo, né? Aqui ele plantava... Mas não colhia nada porque aqui é pura grelha, né? Tiraram a terra daqui, botaram ali, e em toda volta lá também né? [apontou o outro curral].  
BMF – Ah, naquele outro que ta ali, né?  
LC – É. Aí ficou o círculo. E o círculo faziam assim: aí como é que eles faziam? Hoje em dia se tu quiser fazer tem os aparelho tudo. E aí, foi falado, eles cravavam uma estaca, né?  
BMF – Quer dizer, como eles conseguiam fazer tão perfeito o círculo?  
LC – É. Mas uma estaca foi cravada, né? [Leomar demonstra cravando um galho no chão] Aí tinha uma corda que era o laço, no caso né? Feito de couro, né?  
BMF – Sim.  
LC – Aí iam fazendo. Amarravam assim na estaca, e iam caminhando [demonstra com as mãos como uma corda esticada girando em torno da estaca, como um compasso].  
BMF – Ahh.  
LC – Mais interessante, né? Mas aí, claro, isso aí como eu te falei, o passarinho vai trazendo a semente, né?  
BMF – E aí vai... Com a terra muito boa né?  
LC – Terra boa né? Aí vem rápido né.  
[impossível entender]  
LC – Meu falecido pai falava, no caso, né. [impossível entender] Aí eles queriam dormir um pouquinho, deixavam os animal aqui né? Aí prendiam os cavalos, dormiam, e no outro dia [impossível entender] Tinha um corredor ali embaixo, né? Onde é o [impossível entender] E sai lá embaixo no Areal, né? [...] Hoje eles [posseiros] invadiram, tão morando ali né?  
BMF – Agora ta tapado?  
LC – Tá tapado. Mas tinha uma largura de uns 40 metros né. E ali era o trajeto deles... A trilha deles, no caso. [...]

**Luís Carlos Dias, morador da Estrada do Passo dos Carros nas proximidades do Arroio Teodósio: falou sobre a travessia desse mesmo curso d'água sendo feita por cavalos e até por motos.**

**<http://www.myspace.com/video/mem-rias-leonenses/luis-carlos-dias-passo-dos-carros/101829412>**

[...] BMF – E a sua idade, seu Luis Carlos?

LCD - 53

BMF – O senhor já viu bastante gente atravessando ali aquele passo? [Passo dos Carros, em Capão do Leão/RS]

LCD – Já vi pouca gente a cavalo, não foi muita gente não.

BMF – Dá pra atravessar tranquilo?

LCD – A cavalo dá. [...]

BMF – O senhor já tinha ouvido falar que aqui era o Corredor das Tropas, não?

LCD – Sim, já, eu já sabia. [...] Tá certo, é o Corredor das Tropas [...]

**Luís Fabiano Martins, morador da Av. 25 de Julho em Pelotas/RS, afirma desconhecer os currais em sua propriedade.**

<http://www.myspace.com/video/mem-rias-leonenses/luis-fabiano-martins-34-morador-da-av-25-de-julho-pelotas/104983078>

BMF – Como que é o teu nome, tchê?

LFM – Luís Fabiano...

BMF – Luís Fabiano de quê?

LFM – Martins [...]

BMF – Tua idade?

LFM - 34

BMF – Tua avó se criou aqui na beira da Av. 25 de Julho?

LFM – A vó se criou aqui. Antigamente nem era 25, era “Corredor das Tropas”... [...]

BMF – E eles paravam aonde aqui nessa zona?

LFM – Eles paravam ali naquela vizinha. [...] Ali antigamente que era o paradoro das tropas. Antigamente vinha até ovelha, gado, cavalo, então o paradoro era ali. E aqui atrás eram antigamente que vinham as tropas do exército. [...] As mulas... Ficavam tudo depositado aqui. Isso eu sei porque o senhor da olaria falou. [...] Cavando volta e meia aparece ferraduras, alguma ferramenta antiga no meio. [...] Aqui era um paradoro, ali adiante era outro... [...]

**Mozar Costa Ribeiro, pecuarista e morador do encontro da estrada do Passo dos Carros com a estrada para Canguçu: falou do geoglifo existente em sua propriedade.**

<http://www.myspace.com/video/488556767>

MCR – Mozar Costa Ribeiro!

BMF – Sua idade, seu Mozar?

MCR – 42. [...] Eu trabalho com gado, com leite, aquelas coisas todas. [...] Uns me falaram em mangueira de pedra, mas eu acho que isso aí nunca foi mangueira de pedra. Outros me disseram que isso aí antigamente existia mangueira de torrão. Era isso! Eu acho que um lado eles faziam... Um lado era reto, o lado de dentro reto, e o outro era assim [indicando um leve declive com a mão], pra calçar!

BMF – É! Pros bichos não pularem, né?

MCR – É! E existe ainda muitos curral de pedra. [...]

MCR – Tem árvores aí. Coronilha... Te mostro aí. Aqui mesmo tem uma, ó. Essa coronilha tu vê que árvore bem velha! E aquela ali, que árvore bem velha... [...] Isso é coisa que já existe aí há muitos anos. [...] Há 35 anos, mais de [...] morou um “ermão” meu nessa mesma casa aqui e já existia essa mangueira. [...] Aí já tinha anos. Pra tu ter uma idéia eu acho que isso aí é do tempo que ainda não existia arame! [...]

BMF – Lá por 1870 por aí que foram vir os primeiros arames. [...]

MCR – Aqui tem essa [mangueira] [...] Logo ali pra lá tem mais uma ou duas [aponta na direção da Estrada do Passo dos Carros em Pelotas]. [...] Logo aqui adiante tem o arroio que chamam Padre Doutor. [lado contrário] [...] Logo ali adiante do arroio tem duas delas. [...]

MCR - Aqui tem duas dentro do mato da Berenice. [...] Ali dentro do mato de eucalipto tem mais um. [...]

**OLIVEIRA, ANDRÉ.** “André Oliveira, formado em História pela Fundação Universidade Federal de Rio Grande, mestrando em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria e co-autor do artigo “Os Currais de Palma em Santa Vitória do Palmar/RS, Brasil”, a idade dessas construções pode ser estimada em aproximadamente 200 anos. Ele também crê na versão contada pelos moradores: “Essas estruturas se parecem com os currais de palmas encontrados nesta região onde é peculiar a palmeira Butiá capitata. Realmente devem ser encerras, ou seja, currais. No caso de serem de terra deve-se analisar melhor as elevações, provavelmente realizadas por escravos”.

Oliveira conta também sobre o funcionamento dos currais existentes na região estudada por ele em Rocha, no Uruguai; “Após as construções dos valos são plantadas árvores para fazer barreira”. Depois disso os vãos entre as plantas eram fechados com tiras de couro que, amarradas ou presas com pregos de madeira nas palmeiras, bloqueavam o espaço entre elas.”



**Osmar Ramalho, agricultor de 80 anos morador da Estrada do Passo dos Carros entre a BR-392 e a Av. 25 de Julho, em Pelotas/RS: falou dos geoglifos existentes perto de sua casa.**

**<http://www.myspace.com/video/mem-rias-leonenses/entrev-osmar-ramalho-80/101954618>**

BMF – Qual seu nome?

OM – Osmar Ramalho.

BMF – Osmar Ramalho... E a sua idade?

OM – Eu vou fazer 80.

BMF – Então quer dizer que aqui onde o senhor mora era o “Corredor das Tropas”?

OM – Era o Corredor das Tropas.

BMF – Hmm. E o pessoal parava aqui nessa volta?

OM – Parava ali, antigo Epaminondas. Ali era a mangueira... Isso tudo ali, a gente via o campo, e tropas que depositavam ali e depois ia pro Anglo.

BMF – E aqui o senhor não tinha conhecimento de ter um curral aqui atrás do seu campo [na propriedade vizinha, algumas árvores ainda marcam o traçado circular dela].

OM – [...] A mangueira? Ah tinha, mangueira de “turrão” [...] Desde aquela árvore até ali era mangueira dentro do meu terreno [indica uma segunda mangueira já quase toda destruída].

BMF – Ah ta, aqui é seu terreno então

OM - Aqui é meu. [...] Agora ta desmanchada que eu mandei passar trator (?)

BMF – É, dá pra ver a marca no chão lá. Que altura que era antigamente? [...] Era baixinho?

OM – Depois desmanchou. Ah era redondo assim, uma mangueira de botar tropa. E as porteira eram de vara. [...] Meu pai conhecia antigamente essas mangueira onde botavam as tropas.

**Rogério Roth, 31 anos, pecuarista, fala do curral existente no campo que arrendou anos atrás em Piratini/RS (via MSN)**

Rogério Roth Coelho(Endereço de email não confirmado) diz: tirei umas fotos lá na mangueira com o cel. não sei se vai dar pra ver mas é lá atras, a mangueira é tri grande

B diz: ta entao tem 2, uma de terra e 1 de pedra? ou sao a mesma?

Rogério Roth Coelho(Endereço de email não confirmado) diz: é a mesma só q já esta destruida, os animais até caminham por cima em algumas partes e tem muito mato na volta... sujeira

B diz: juntou capim e parece de terra entao mas na verdade é de pedra... interessante

Rogério Roth Coelho(Endereço de email não confirmado) diz: o dono dali tava afim de arrumar mas parece q não conseguiu ninguem

B diz: é essas coisas melhor nem mexer, deixar do jeito que está pq a restauração tem que ser feita tipo por pessoal especializado

Rogério Roth Coelho(Endereço de email não confirmado) diz: éé [...]

B diz: ta me conta de novo a historia: esse circulo era um curral, é isso?

Rogério Roth Coelho(Endereço de email não confirmado) diz: acho q era onde os animais ficavam presos para o descanso dos tropeiros a caminho das charqueadas, pras uns 500 animais ou +

B diz: quem te contou isso?

Rogério Roth Coelho(Endereço de email não confirmado) diz: uns peoes + velhos dali, q devem ter ouvido de outros + velhos ainda

B diz: eles contaram quem que construiu?

Rogério Roth Coelho(Endereço de email não confirmado) diz: acham q escravos

B diz: Sim. e a casa que tem aí na propriedade, é feita de pedra tbm?:

Rogério Roth Coelho(Endereço de email não confirmado) diz: é, umas pedras gigantes e sentada com barro

B diz: a casa é com pedra e barro. mas e a cerca, é so com pedras encaixadas ou foi usado barro?:

Rogério Roth Coelho(Endereço de email não confirmado) diz: e telhas sentada nas coxas de escravas

B diz: interessante

Rogério Roth Coelho(Endereço de email não confirmado) diz: só pedra, a casa é + nova

B diz: geralmente contam o mesmo, que antes de existir o casarao ja havia la a mangueira. tem uma delas em lavras do sul que tinha ate uma tapera em ruinas, o cara mandou um monte de fotos

Rogério Roth Coelho(Endereço de email não confirmado) diz: a casa é de pedra mas foi rebocada depois, já o galpão sem reboco

B diz: tem que altura as paredes do curral? +-  
Rogério Roth Coelho(Endereço de email não confirmado) diz: uma parte q esta inteira é 1,80, por aí, minha altura  
B diz: e de espessura das paredes +-  
Rogério Roth Coelho(Endereço de email não confirmado) diz: 1 metro [...]  
B diz: Ahan, ela tem uma forma circular e fora tem mais uma parede reta? a mangueira  
Rogério Roth Coelho(Endereço de email não confirmado) diz: é redonda  
B diz: aquela outra linha reta que tem pro lado de cá na foto, o que é?  
Rogério Roth Coelho(Endereço de email não confirmado) diz: um corrego com agua q ta crescendo mato  
B diz: hmm enxerguei a pontinha de pedra na mangueira que ta descoberta. é na parte norte, nao é?  
Rogério Roth Coelho(Endereço de email não confirmado) diz: isso, a parte norte dá pra ver + as pedras. essa pedras q tirei foto é de lá  
B diz: o que é essa linha branca no chao? Trilha?  
Rogério Roth Coelho(Endereço de email não confirmado) diz: o gado caminha por cima, tem umas pedras caidas  
Rogério Roth Coelho(Endereço de email não confirmado) diz: a largura pelo google? quanto deu  
B diz: Sim, 84m  
Rogério Roth Coelho(Endereço de email não confirmado) diz: é por aí  
B diz: é meio ovalada, entao dependendo do angulo da medicaao ja da 93 metros  
Rogério Roth Coelho(Endereço de email não confirmado) diz: acho q sim  
B diz: é dificil saber onde termina exatamente, ja que ta tudo coberto de vegetação... so indo ao local mesmo e medindo com GPS  
Rogério Roth Coelho(Endereço de email não confirmado) diz: é maior de oeste a leste eu acho  
B diz: 93 deu de nordeste p/ sudoeste, e 84 de norte pra sul. maioria é assim levemente ovalada. [...]  
B diz: arrenda la ha quanto tempo +-  
Rogério Roth Coelho(Endereço de email não confirmado) diz: arrendei 8 anos, agora não mais [...]  
B diz: e ja sabias de outras mangueiras iguais a essa antes de eu te falar nisso? Redondas, na beira das estradas  
Rogério Roth Coelho(Endereço de email não confirmado) diz: sim, no caminho de pedras altas onde eu tinha um campo arredado tb, passava por algumas... talvez vá até o uruguay. e mais embaixo no cerro chato tem tb, lá já é herval [...]

#### **SCHAAN, Denise. Diário Popular.**

arqueóloga gaúcha que também atua na pesquisa dos geoglifos do Acre na UFPA, Denise Schaan, conhecer as estruturas construídas no Rio Grande do Sul. "As estruturas do norte e do sul do país são parecidas somente nas imagens de satélite. Ao se chegar perto delas, se vê que elas são completamente diferentes. As valas dos geoglifos do Acre são mais largas e muito mais profundas, enquanto que os morros de terra são baixos. Aqui é exatamente o oposto".

**SIENRA, Ricardo. Revista de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 09 fev. 2010. Disponível em:**  
<<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/geoglifos-gauchos>>. Acesso em: 16 jun. 2011.

**1/11/2010** Prexado Brunos: lei con mucho interés tu artículo sobre "Geoglifos gaúchos". En el Uruguay tenemos una gran cantidad de corrales de piedra y también cercos de gran tamaño. Hace varios años que estoy estudiando el tema, y haciendo en particular un relevamiento de estas estructuras en el territorio uruguayo, incluyendo documentación gráfica, georeferenciación, medidas, etc. Estas mangueras se vienen construyendo desde la época jesuítica, y existen de esa época documentos que así lo prueban. El mayor auge de construcción en el Uruguay fue despues de nuestra Guerra Grande (1839-1851), con mano de obra proveniente de regimientos de soldados vascos e italianos desmovilizados de la contienda armada y con experiencia de trabajar la piedra. El corral de palmas y piedras que aparece en la foto tiene 180 metros de diámetro y es uno de los mas grandes del Uruguay. Yo llevo ya

relevados mas de 150 mangueras y cercos, pero todavía me falta visitar otro tanto. Te felicito de corazón por tu interés y me gustaría intercambiar informaciones contigo. Un abrazo  
Ricardo Mi mail: \*\*\*\*\*mail.com

**De:** ricardo sienra (\*\*\*\*\*mail.com)  
**Enviada:** sexta-feira, 5 de novembro de 2010 19:36:03  
**Para:** Bruno Farias (\*\*\*\*\*mail.com)

Estimado Bruno, te pido disculpas por no contestarte antes. Entre el trabajo y la "digestión" de todas esa enorme cantidad de información que em enviaste, recién hoy puede empezar a escribir.

Realmente tu obra de recapitulación y estudio del tema de los Geoglifos Gauchos, como bien has dado en llamarlos, es encomiable. En realidad tu sabes bien que esto es mas un hobby amateur que otra cosa, porque también aquí tenemeos muy poca sensibilidad de las autoridades para con el tema.

Al igual que tú mi lista de lugares para visitar es muy amplio pero cubrir los gastos de traslado y demás de mi propio salario realmento no dá. Por tanto voy visitando los sitios en la medida que mi trabajo del Ministerio de Agricultura me lo permite, ya que con frecuencia organizo actividades de capacitación en diferentes lugares del país.

De mi proyecto todavía no tengo publicaciones, salvo alguna entrevista de la prensa y charlas en algunos lugares, ya que continuo juntando materiales. Tengo ya mucha información relevada, decenas y centenares de fotos in situ, etc.

Manguera de terrón solo realmente no he visto directamente en mi país, y espero de las que tengas ubicadas me puedas sugerir las mas grandes o conservadas para priorizarlas en mis futuras visitas.

Todas tus referencias marcadas en Google me parecen fruto de un enorme esfuerzo, titánico, que debe profundizarse. En Uruguay tienes marcados lugares que yo todavía no había identificado, que verguenza.... En unos pocos casos de lugares que conozco personalmente existen errores, que yo tambien cometí al interpretar las imagenes de satélite.

Algunos casos concretos: los que llamaos "picaderos de caballos" son cercados de tablas en circulo que tienen los haras, y parecen ser realmente mangueras desde el aire. Algo similar ocurre con los tanques australianos, depósitos de agua tambien circulares aunque de menor diámetro que los anteriores. Un tercer elemento de confusión son las "planchadas" (pisos) circulares de concreto que poseen algunos tambos en la entrada de la sala de ordeño. Son ejemplos de la necesidad de corroborar en tierra imágenes que en ocasiones nos pueden confundir.

A mí me gusataría mucho poder reunirme contigo a conversar sobre todo este tema tan apasionante. Es más, deberíamos intentar conseguir alguna otra persona de la región para establecer una "red" para el estudio de estas estructuras y poder hacer una asociación de estudios históricos pecuarios.

Pero en lo concreto, yo todos los años voy a pasar unos días de veraneo en La Paloma, cerca del Chui, y quién dice a mediados de enero nos podemos juntar.

Estoy pensando además, en la medida de conseguir apoyo, realizar el proximo año una Jornada sobre lo vinculado a la Historia de la Ganadería en la Banda Oriental, y tratar de conseguir financiación para poder invitar a disertantes del extranjero, como tú.

Seguimos en contacto, un abrazo

Ricardo

**Ubaldo Silveira, 67 anos, fala dos currais de terra na propriedade onde trabalha na Estrada do Passo dos Carros, esquina com a Av. República do Líbano**  
**<http://www.myspace.com/video/mem-rias-leonenses/entrev-ubaldino-silveira-67/101829735>**

(...)

BF – Então o senhor mora aqui desde a infância e seu pai Morava aqui?

US – Fui criado (...?...) Meu pai também morou aqui.

BF – E isso aí era um...? Como era o nome disso aí?

US – Isso aí era uma mangueira que se fazia de "turrão" no tempo antigo... Pra encerrar as tropas né, que vinham viajando... De longe né? E aí ficavam nessas mangueiras né? Naquele tempo antigo...

BF – E era mais alta que isso?

US – Era bem mais alta... Bah... Alta pro gado, pro gado não sair né?  
BF – Devia ter o que? A altura de uma pessoa?  
US – Não, muito mais. Uns 3 metros de altura...  
BF – É mesmo é? E com a chuva vai se desmanchando?  
US – Vai se desmanchando...O pessoal vai plantando, fazendo lavoura, e aí vai desmanchando né...  
BF – E foi feito por quem isso aí?  
US – É do tempo dos escravos. E quase tudo que eles faziam e eles tinham naquele tempo era dos escravos...  
BF – E aqui era... Como era o nome dessa estrada aqui?  
US – Essa estrada aqui chamava Estrada das Tropas!  
BF – Era aqui que era o corredor das tropas?  
US – Corredor das Tropas!  
BF – E passava muito gado aqui? Como é que era?  
US – Ah, passava muito gado. Quantia de tropas naquela época, né? Não havia caminhão naquela época então era só por terra. Os tropeiros que tropeavam o gado.  
(...)

**Valter Ferreira Martins, 38, dono de um campo com curral de terra na Av. 25 de Julho, em Pelotas/RS.**

**<http://www.youtube.com/watch?v=aJ6p75dlwXU&list=UUgH75WY0iIUJ4LUDK-Jcc-g&index=5&feature=plcp>**

[...]

BMF – Seu Valter, o senhor já tinha percebido essa mangueira de terra aqui no seu campo? Ou não tinha... Não Sabia que existia?

VFM – Não Sabia que existia.

BMF – Mas já tinha notado a marca redonda e não sabia o que que era...

VFM – Sim.

BMF – Isso aí era uma antiga mangueira do tempo dos tropeiros. Pode ter mais de 200 anos. E o senhor nunca tinha ouvido falar nessas mangueiras?

VFM – Não, falar de mangueira eu nunca tinha ouvido falar. Eu sei que eu via isso aí redondo fazia horas já. Mas ver falar eu nunca tinha ouvido falar que era mangueira.

BMF – E tinha eucalipto aí que foi cortado recente, né?

VFM – Tinha eucalipto cortado recente.

[...]